

Contra bandidos armados em Inhambane

EXÉRCITO E POPULAÇÃO JUNTOS NA OFENSIVA

2/a
9
83
N.

por Abel Faife

Caldeada no fogo da guerra, a população de Inhambane soube criar e desenvolver o ódio contra o bandido armado. A cidade capital está praticamente transformada em escala obrigatória de contingentes militares que nela se entrecruzam, vindas das mais diversas frentes de combate, a maioria dos quais transportando prisioneiros e material bélico capturados, outros carregando bens recuperados, que haviam sido roubados

Nas ruas, bazares, restaurantes, quarteirões e unidades de produção, a vigilância é activa. Não é necessário ser-se soldado, miliciano ou da Segur. rança para saber detectar um recém chegado à zona.

Quase por todo o lado o tema das conversas com conhecidos gira em torno da guerra. O ânimo patriótico e confiança das pessoas na vitória das FAM (FPLM) são patentes na forma emotivamente arrebatada como cada um conta as proezas de que ouviu falar, passadas nas frentes de batalha, ainda que nunca tenha saído da cidade. São histórias sobre o comandante «X» das FAM (FPLM), da companhia «Y» em confrontação algures com os bandidos.

O ÓDIO QUE NÃO ARREFECE...

O denominador comum em todas as histórias de guerra que me contaram é que ninguém parece disposto a esquecer as pessoas que vezes sem conta têm sido queimadas vivas em machimbombos incendiados, as mulheres raptadas para saciarem a alma, lescamente os apetites sexuais dos caudilhos dos criminosos, ou as crianças e velhos indefesos barbaramente assassinados pelos bandidos nas suas cobardes incursões pelas aldeias.

Mas nem todas as histórias que se contam na cidade são quadros macabros, com cambiantes horrorosos pintados pelos bandidos armados. Neste momento em que os canos das nossas armas perseguem e castigam impiaçavelmente todas as posições ini-

gias, muitas são as histórias de felizes de elevado valor patriótico nas frentes de combate, que igualmente circulam na cidade.

DOIS DIAS DE PERSEGUIÇÃO

De entre os episódios mais comentados destacam-se os do Exército, pela sua contundência e agressividade combativas, particularmente de unidades das Forças Armadas de Moçambique (FPLM) que se dedicam mais a operações de recuperação de mantimentos e bens roubados à população pelos bandidos.

Conta-se que em certas zonas um batalhão das FAM (FPLM) que é conhecido entre a população da cidade pelo nome de guerra de «Os Independentes», tem o costume de mobilizar a população e pô-la na sua retaguarda, quando empreende as marchas de perseguição dos bandidos.

Após o assalto a determinado acampamento — nunca regressam sem concretizar o seu objectivo — chamam depois a população para carregar todos os mantimentos e bens que estavam na posse dos bandidos, enquanto os combatentes transportam o material bélico.

Nas aldeias, outra força organizada está à espera de eventual retaliação, pois os bandidos reagrupam-se noutro local e procuram reaver, com toda a convicção de que as FAM (FPLM) estar-las a festejar a vitória da batalha anterior. É então quando a

às populações pelos bandidos. Para os habitantes da cidade, isto não constitui senão a rotina de um clima quotidiano, que contribui para alimentar ainda mais a determinação e o moral combativos da população, desde que há algum tempo foi desencadeada nesta zona uma ofensiva militar generalizada que radicalizou a luta contra os bandos armados, a soldo dos racistas sul-africanos.

segunda força lhes cai em cima, dizimando-os completamente.

Por seu turno, os Veteranos da Luta Armada de Libertação Nacional são outro terror dos bandidos. Com uma eficiência combativa que faz jus à sua grande experiência e dotados de táticas operativas consideradas infalíveis, caracterizam-se fundamentalmente pela sua grande resistência nas marchas, mobilidade e persistência na perseguição aos bandidos.

Nos lugares onde operam, os bandidos que sobrevivem chegam a ser perseguidos durante dois dias, sendo gradualmente eliminados até chegarem às bases onde se entricheiram.

Uma vez os bandidos vieram atacar em Homoine. Os Veteranos acabavam de chegar. Após fogo reñido, os bandidos fugiram e depois de andarem algumas dezenas de quilómetros, pararam a descansar. Quando todos estavam descansados, uma intensa fuzilaria desabou-lhes em cima, puseram-se de novo a fugir e desta vez andaram todo o dia e toda a noite. De madrugada preparavam-se para descansar quando as armas dos «Veteranos» voltaram a cantar.

Já ao cair da noite do segundo dia, chegavam a uma aldeia e assaltaram duas casas para obter bebida. Concentraram-se e começaram a beber mas os «Veteranos», que ainda estavam no seu encalço não o permitiram. Reduzidos à terça parte do grupo, fugiram esvaorridos até ao seu acampamento, que dias depois viria a ser assaltado e destruído pelas nossas forças — contou-me um amigo,

HEROÍSMO NÃO PRECISA FARRA

Não são apenas os soldados que combatem e liquidam os bandidos armados, mas também a população civil, sobretudo os camponeses. Um combatente meu amigo estacionado nestas paragens, relatou-me alguns episódios que vivera, cujos protagonistas foram camponeses.

Na zona «X», uma vez, duas mulheres raptaram um bandido que as vinha raptar. Estavam sozinhas em casa e ele apareceu armado, obrigando-as a acompanhá-lo.

Como elas estivessem a preparar bebida — «UTCHEMA» — convidaram-no a tomar, prometendo-lhe também comida. Ele pôs-se a arma confiada, mente e começou a comer e beber. De repente, uma delas apareceu-lhe por detrás e assentou-lhe uma violenta pancada com um pilão. O bandido caiu logo morto, com a cabeça esmagada.

Os raptos de mulheres são frequentes no campo. Em outra zona, dois bandidos que se tinham perdido dos colegas chegaram a uma casa e raptaram duas meninas adolescentes. Os criminosos tinham um duplo objectivo, segundo as suas presenças contariam mais tarde: violá-las, depois destas lhes terem indicado o caminho para chegarem ao seu destino.

Quando o pai delas regressou à casa descobriu o sucedido, por identificação de pegadas. Convocou um seu amigo e ambos pegaram em zangais e catanas metendo-se a caminho. Andaram o dia inteiro e pernoctaram no mato.

No dia seguinte, após terem andado um bom bocado avistaram fumo ao longe. Mudando de direcção, com o grupo local e foram apanhar o grupo pelas costas, as mulheres a cozinhar e os bandidos sentados a visarem as com as armas.

Escolhendo cada um o seu alvo municionaram as azagaias e após apontarem cuidadosamente, dispararam as flechas que acertaram em cheio.

A catanacia acabaram com os bandidos e trouxeram as armas que apresentaram na Sede do Distrito. Devido ao ódio crescente que os camponeses têm são muitos casos de perseguição, execução, denúncia e captura dos bandidos armados, pela população e regra geral trazem as armas às estruturas locais.

A maior parte das vezes a população mata-os mas também há casos de bandidos que são abandonados vivos no mato, depois de lhes terem decepado os braços ou amputado as pernas, arrancando-lhes as armas.

A melhor história que me foi recontada é a de uma zona onde a população está «balda» em identificar pegadas de bandidos. Incluindo o seu número. Nessa região, a população vive com todos os seus utensílios — pratos, talheres, incluindo mesas e cadeiras — enterrados.



A conferência patriótica e a determinação combativa da população de Inhambane cresceram nos últimos tempos. No combate aos bandidos armados, a população tem vindo a prestar um apoio activo às Forças Armadas de Moçambique (FPLM), denunciando as posições do inimigo e capturando alguns bandidos. Na foto, captada durante a manifestação realizada em Maxixe, a população reafirma a sua prontidão combativa. (Foto de Azarias Inguane)